De volta ao lombo da mula, e com registro audiovisual! O Jornalismo "memorialista" da tropeada do Globo Rural [1]

Morgana NUNES[2]
Ariane PEREIRA[3]
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

Uma das definições mais populares do jornalismo é: "jornal de ontem só serve para embrulhar peixe". Frase utilizada para demonstrar a factualidade como caracterítica essencial da atividade. Porém, nem só de assuntos do dia se faz um jornal, seja ele impresso, radiofônico ou televisivo. O Jornalismo em vários momentos de vale de assuntos/fatos passados. Um exemplo disso é a série de reportagens sobre o troperismo, exibida ao longo de três meses em 2002, pelo programa Globo Rural e que será tomada como objeto de estudos para este artigo, que se ampara no conceito de memória.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; Globo Rural; memória; musealização.

Sobre memória e jornalismo

Rememorar é um exercício intelectual. Localizar lembranças é utilizar a inteligência e as correlações imediatas. A memória é social porque dependemos dos conhecimentos passados através dos mais diversos indivíduos da sociedade para que seja possível, então, relacionar, por exemplo, imagens a um lugar, a uma reflexão ou a um nome. Associações feitas nas mais diversas atividades de desenvolvimento intelectual, que se dão através da sociedade e vice-e-versa. O sujeito é social já que é "constituído nas relações sociais (comunidades, grupos de pertencimento, de reconhecimento)" (BARBOSA, 2007, p.47). Recorremos a testemunhos para amparar o que dizemos, seja para reforçar, para argumentar ou complementar as nossas ideias, depoimentos anteriores que embasam o nosso dizer.

A memória, portanto, seja ela tratada pelos estudos da história ou da análise do discurso, é construída socialmente, já que estamos inseridos em um conjunto social e assim é tratada coletivamente, onde todos evocam e partilham lembranças, resquícios, relíquias, vestígios. Segundo o ponto de vista de algum indivíduo trazido anteriormente por uma outra

1 Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2 Jornalista formada pela Unicentro – morgana.mo@gmail.com
3 Jornalista, Mestre em Letras, Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em Guarapuava, Paraná – ariane_carla@uol.com.br

voz. O jornalismo também funciona como uma ferramenta de ativação da memória social, já que traz imagens, contextualizações, reconfigurações que retratam o tempo passado e que podem ser visualizadas na contemporaneidade pelos veículos de comunicação e, segundo Marialva Barbosa (2007), eles são também, lugares de construção de uma cadência temporal singular, na qual o passado, o presente e o futuro constroem-se em temporalidades intercambiáveis. Este efeito pode ser melhor entendido em reportagens televisivas, que remontam o tempo passado, mas que são assistidas pelo espectador no tempo real que ele está vivenciando naquele momento. Despertando no público um sentimento nostálgico de experiência vivida, figurada entre a lembrança e o esquecimento, e que desperta em nós a sensação de que podemos entrar no passado.

Hoje, podemos estagnar o tempo em gravações feitas por máquinas e arquivá-las em memória eletrônica infinita, já que essas, atualmente, suportam grande quantidade de informações. São sensações trazidas pela alta velocidade com que as tecnologias evoluem, que nos fazem pensar sobre a nossa relação com o tempo e de como os tempos passados eram bem diferentes do que vivemos hoje.

Sentimentos esses fomentados por essas novas tecnologias pertencentes à chamada era da informação. A todo momento são disparadas pela mídia notícias de toda parte do mundo em tempo real, que nos transportam a outros lugares com rapidez. A mídia é portadora de um discurso válido e se configura, de acordo com Barbosa, como um dos "senhores da memória" da sociedade contemporânea, por agendar, diariamente, ligações, ganchos, elos e contextualizações aos acontecimento passados, atualizando temas. Tendo, assim, em mãos o poder de fazer com que o público lembre ou esqueça os fatos ocorridos anteriormente.

De volta ao passado, em caravana

Um exemplo de como a mídia se coloca como um lugar de memória é a tendência, observada e reforçada de alguns anos para cá, em se recorrer a temas próprios de tempos passados. Apropriação da história e da memória que se dá tanto pela dramaturgia, quanto pelo jornalismo. A TV Globo, por exemplo, tem produzido e exibido novelas e minisséries históricas – como Lado e Lado e Dercy de Verdade, para citar duas produções de 2012 -, além de, ainda na teledramaturgia, apostar em remakes de produções próprias, como Saramandaia e Gabriela, citando as mais recentes.

No Jornalismo, a memória, por exemplo, tem sido (re)ativada, contemporaneamente, em reportagens sobre os protestos que ocorrem em tudo o Brasil, em junho de 2013, que são, em alguns momentos, ligados e/ou comparados à dois acontecimentos anteriores: as manifestações pelo *empreachment* de Fernando Collor de Melo e pelas Diretas.

Alguns telejornais também apostam em séries de reportagens sobre temas históricos. Esse é o caso do Globo Rural, exibido diariamente pela TV Globo. Um exemplo de série produzida e levada ao ar por esse telejornal é o conjunto composto pelas reportagens *Os Tropeiros*, de 2006, que, nessa reflexão-conversa, configura-se como nosso objeto de estudo.

Tais reportagens são resultado da ideia do editor-chefe do telejornal, Humberto Pereira, que propôs que o programa revivesse os tempos do tropeirismo, com seus repórteres montados em lombos de mula para, assim, reconstruir a trajetória dos tropeiros, desde de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, no interior de São Paulo, cidade que sediava a maior feira de muares do Brasil. Porém, a história, para ser (auto)explicativa, tem início antes e em outro lugar – a Argentina, país de onde vieram, contrabandeados, os primeiros muares que chegaram ao Brasil. E é disso que trata a primeira reportagem, uma espécie de apresentação da série *Os Tropeiros*, exibida em 16 de julho de 2006.

A reportagem, intitulada "As mulas da prata", começa com uma breve explicação histórica. Ilustrativamente, as imagens e demais recursos visuais, como mapas, são editados em tom sépia, remetendo as folhas de papel envelhecidas pelo tempo. Já a trilha sonora, que acompanha as imagens, é composta pelo som do cincerro, um tipo de campainha pendurada no pescoço da égua madrinha da tropa, que mais tarde será explicado na reportagem, e por inscrições fonográficas do velho oeste, com músicas assoviadas, remetendo aos filmes de *wertern.* Em termos de conteúdo informacional, o repórter José Hamilton Ribeiro ultrapassa a fronteira brasileira para contar de onde vieram as mulas que deram origem as primeiras tropeadas no Brasil. Ribeiro consulta especialistas no assunto, principalmente historiadores, ao longo do território argentino. Porém, é no campo que a reportagem se concentra para mostrar onde as mulas ainda são criadas e como esses animais são utilizados para o/no trabalho no campo e, para isso, são os produtores as fontes de informação. A reportagem ainda diferencia, para o telespectador mais urbano, uma mula de um burro. Essa descrição da primeira reportagem mostra a tônica de toda a série: a história, a partir da visão dos especialistas, e a memória, na ótica de quem participou das tropeadas ou viu as tropas passarem. Ou seja, o discurso do homem do campo, a sabedoria de quem lida com o que é

próprio do rural, entremeado e confirmado pelo discurso de especialistas, detentores do saber científico, mais digno de credibilidade, especialmente para o público urbano, que também compõem a audiência do telejornal.

E assim começa o trajeto jornalístico que remete ao histórico e ao memorável. Lembranças e esquecimentos que comporão a narrativa jornalística ao longo de doze reportagens, dividas em três partes. Em "Começa a Marcha" é reportada a saída de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Local onde a iniciativa é considerada um ato de civismo, e esse é exaltado na trama jornalística a partir da utilização de imagens de pessoas, aquelas que assistem a saída da tropa, emocionadas. Já as sonoras trazem a tona um passado permeado pela nostalgia, a partir do encontro agendado ou inesperado da Tropa do Globo Rural com os personagens do "mundo real", ou seja, aqueles que vivenciaram o tropeirismo. Nesse momento, também é apresentado Firmino, um personagem fictício, vivido por um ator, que, ao longo de toda a série será inserido, declamando trovas e causos, entre os personagens e estórias reais ainda existiam, interpretação que pretende sintonizar o público na realidade passada.

Na segunda parte, "A Travessia", a tropa do Globo Rural revive os perigos de se atravessar, com as mulas, a fronteira do Rio Grande do Sul com o estado de Santa Catarina. O trecho, especialmente a região do Espigão, era considerado o mais perigoso pelos tropeiros. No caminho, porém, a tropeada para em várias propriedades que se abriam para o pernoite dos tropeiros e, assim, mostram um Brasil rural hospitaleiro. De parada em parada, chegam a cidade história da Lapa, no Paraná, que foi construída pela riqueza econômica trazida pelo comércio de muares. Para ilustrar, o relato do tropeiro que ficou rico e virou barão.

"A Jornada Final" é a terceira parte das reportagens essas enaltecem, inicialmente, as belas paisagens, ainda conservadas, esculpidas nas pedras pelo vento no Paraná. Já as relíquias que ainda são preservadas por pessoas que tem grande apreço pela cultura tropeira, ajudam na construção da memória desse tempo narrado em áudio e vídeo. A reportagem de Ana Dalla Pria dá voz ao animal que dá origem a mula. Assim, a égua narra as relações cotidianas entre os muares e é como se o programa promovesse uma "humanização" desses animais. A reportagem final mostra a chegada à Sorocaba.

Filiações Teóricas

A memória remete-nos a um conjunto de funções psíquicas, às quais o homem pode fazer uso atualizando-as com as próprias impressões e informações passadas, ou que para ele representam-se como passadas. Para Freud (*apud* Le Gof, 1992), a memória se realiza inconscientemente, incluindo nesse processo o recalcamento, que seria o responsável pelo mecanismo de ativação da lembrança e do esquecimento, daí o ato de defesa, seria o de não apenas esquecer, mas também o de lembrar, concluindo que a memória teria a função de criar e recriar o real. Freud também explica que memória e esquecimento são indissolúveis e estão mutuamente ligados, que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida.

O homem, no processo da memória, faz não só a ordenação dos vestígios, como também a releitura desses resquícios. Memória, segundo Maurice Halbwachs, "é um instrumento de reconfiguração do passado, um trabalho de enquadramento do que aconteceu a partir das demandas do presente" (1990, p.45). Fazendo relação com o que vai sendo ativado pela memória, é possível transportar-se para aquilo que já aconteceu, um passado flexível que torna o presente um fluxo de mudanças.

Partindo deste ponto, a memória é um estudo que é atravessado pela psicologia, pela biologia, pela história e que, desde a alguns anos, vem se incorporando as ciências sociais, mais precisamente, aos estudos jornalísticos. Os jornalistas tem papel importante na construção da história imediata, já que vivem com o pé num mundo moderno, das primeiras revoluções industriais, e outro num mundo que ainda está nascendo, o pós-industrial, o tecnológico, o digital.

A aproximação entre memória e jornalismo nos faz refletir sobre a quem cabe ser o guardião da memória? Levando em consideração que os meios de comunicação, na atualidade, são os grandes mediadores entre os sujeitos e o mundo, pois são eles que reconstroem continuadamente a realidade social dos fatos, é através deles que se realiza a "operação da memória sobre os acontecimentos e as interpretações que se quer salvaguardar" (RIBEIRO, 2007, p.222). A reconstrução dos fatos jornalísticos da atualidade é sempre instantânea e fugaz, mas, ao mesmo tempo, são incorporados à pauta diária aspectos memoráveis com a justificativa de esses auxiliam na melhor compreensão do que está ocorrendo, fornecendo ao público, assim, a sensação de atravessar camadas temporais.

> Rememorar é, portanto, reconstruir o passado a partir da memoria existente na sociedade. (…) Para lembrar precisamente é preciso localizar, determinar a forma, nomear mecanismos fundamentais para dar sentido ao

> passado. (…) A memória diz respeito portanto ao sistema de valores de um grupo. (BARBOSA, 2007, p.49)

Pierre Nora (*apud* Barbosa, 2007) afirma que a valorização do futuro, a instantaneidade e a correria do dia a dia são marcas do tempo de agora e produzem a sensação de tudo perder, causando a "dessacralização do passado", diferentemente do que ocorria no começo do século XX, em que havia a emergência do homem novo, ou seja, ruptura total com os tempos idos. Sentindo a imanência do esquecimento, devido ao volume de informações que nos chega diariamente em virtude da evolução das tecnologias, o homem contemporâneo é tomado pelo desejo de tudo lembrar. Como exemplo podemos citar as restaurações de centros urbanos, o sucesso das narrativas histórica na televisão, o crescimento dos documentários, a ncontextualização histórica frequente nas reportagens de TV. Em portais de internet, ainda, notamos que os links possíveis com matérias passadas, as indicações "entenda melhor aqui" ou as matérias sugeridas, também trazem a tona a cultura da memória; o desejo de ancorar o tempo que está em crescente mobilidade e transformação. "Nesse sentido, práticas de memória nacionais e locais, contestam os mitos do cibercapitalismo e da globalização com sua negação de tempo, espaço e lugar" (HUYSSEN, 2000, p.36).

A memória é incorporada ao social já que indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões fornecem/trocam, em suas relações interpessoais, elementos memoráveis. Assim, a memória é uma interferência coletiva. Seguindo a perspectiva de Jacques Le Goff, a memória coletiva pode ser dividida em cinco momentos: o da transmissão oral, o da transmissão escrita em tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica. Períodos que convergem em suas formas. Afinal, a memória escrita acrescenta-se a memória oral, transformando-a, direcionando a memória coletiva que também se modifica, mas não se destrói, já que estamos ligados a um conjunto de testemunhas exteriores a nós, fazendo com que sejamos uma espécie de fio condutor de rememorações a este conjunto de testemunhos exteriores a nós, para que vire uma "consistente massa de lembranças" (HALBWACHS, 1990, p.33). Caso não houvesse testemunhas e lembranças, nos sentiríamos incapazes de reconstruir qualquer parte dessas memórias. Por isso, a memória é construída coletivamente, já que normalmente um grupo se relaciona com outros grupos, muitos acontecimentos e idéias são compartilhados.

> De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista da sobra da memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as

> relações que mantenho com outros ambientes. Não é de se surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social. (HALBWACHS, 1990, p.69)

Ouvimos testemunhos e os interpretamos. Somos influenciados por uma série de agentes que interferem em nossa forma de entender, dependemos do nosso próprio conhecimento, de nossas relações sociais, políticas, econômicas, históricas, enfim, contextos que fazem parte da nossa vida cotidiana, mas que nem sempre levamos em consideração. E quanto maiores e mais numerosas as influencias sociais, mais intercruzadas e complexas serão. Nos enganamos ao atribuir somente a nós mesmos a origem das ideias, reflexões e discursos, estamos envoltos em memórias e esquecimentos e já não sabemos onde está o ponto de partida. São diversas as vozes que nos intercruzam; podem vir dos livros, das conversas, dos jornais … e não percebemos que elas em, nós ecoam.

> A fundação da teoria de memória coletiva que possibilite que se pense as condições sociais da produção da lembrança e do esquecimento e se visualizem as inteirações sociais, sempre dinâmicas entre o passado e o presente, indivíduos e grupos, experiências vividas ou transmitidas e, por fim, usos sociais da história. (HALBAWCHS *apud* BARBOSA, 2007, p.46)

Memória coletiva é, simultaneamente, "evocação, lembrança de um acontecimento vivido, testemunho, narrativa histórica e escolha do passado, interpretação (…) comemorações, monumentalização, restos da história e traços do passado" (BARBOSA, 2007, p.48). É ainda um saber, afinal de contas, é através das lembranças e das contextualizações passadas que compreendemos melhor a evolução dos setores sociais e das próprias relações humanas com o tempo. Aprendemos com relatos e experiências passadas. São dizeres já ditos, que podem ser aplicados ao tempo presente e quem sabe, ao futuro.

Para Halbwachs, a lembrança se reconstrói a partir do tempo presente e em grupo, que fornece aos indivíduos formas de se reconstruir o passado. São exemplos os calendários, as convenções, os espaços e as durações, que fornecem ao passado a sua significação. Ou seja, a memória seleciona e dá sentido ao passado por meio das representações, visões de mundo, símbolos e demais noções que autorizam aos determinados conjuntos sociais pensar sobre o presente. Cada elemento social traz memórias, seja de forma consciente ou inconsciente, traços inanimados presentes na cultura de cada sociedade e que evocam os tempos idos. Isso se dá, por exemplo, com a moda que a

todo o tempo se modifica, mas baseia-se em estilos passados para criar tendências, ou rememora velhas coleções em novos modelos.

Outro conceito importante criado por Halbwachs é o dos quadros sociais que "seriam os instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor a imagem do passado, ligada em cada época ao pensamento dominante na sociedade" (BARBOSA, 2007, p.49). Esses quadros sociais seriam comuns aos homens de um mesmo grupo, feitos de noções e imagens (espaciais, temporais e coletivas), e se adequariam a maneira com que os grupos se relacionam com o mundo. A cada grupo, dessa forma, pertence uma memória que se estabeleceria quando se quer lembrar de algo vivenciado pelo grupo. Memória esta, então, entendida como um sistema de valores de um determinado conjunto social. Afinal, "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes" (HALBWACHS, 1990, p.69).

Entendendo que cada sujeito rememora individualmente por meio das mais diversas relações sociais, ao vivenciar os mais diversos lugares, fazendo com que a própria sociedade funcione como memória, podemos dizer, então, que as lembranças se dão a partir do lugar onde o indivíduo se conecta com a sociedade.

As interpretações feitas por meio da escrita ou de histórias ouvidas, alimentam – de forma voluntária ou involuntária – nossa memória. Dessa forma podemos afirmar que o indivíduo ao fazer parte dessa diversidade de relações sociais, criam práticas discursivas que fazem circular diversos sentidos nas sociedades. Sendo assim, no dizer de cada indivíduo fala uma voz sem nome,.

A memória tem suas peculiaridades quando pensada em relação ao discurso e desta maneira ela é tratada como interdiscurso ou memória discursiva, definido como aquilo que se fala antes e em outro lugar. A memória discursiva é uma das condições necessárias para que se possa produzir o próprio dizer, é um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que as palavras signifiquem é preciso que elas já tenham sentido.

> A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 1999, p.33)

O interdiscurso é a base de todo dizer, é o conjunto de formulações já ditas e esquecidas que possibilitam nosso próprio dizer. Memória discursiva que é derivada do conceito de formação discursiva. Segundo Eni Orlandi ,a memória discursiva abre o leque para a rede de formulações, onde ocorre o aparecimento, a rejeição ou a modificação de dizeres que fazem parte de formações discursivas posicionadas historicamente. Desta maneira, os sentidos são acondicionados pela forma com que os discursos se registram na língua e na história, conseguindo assim, significar.

> A memória discursiva sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nosso sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. (ORLANDI, 1999, p. 54)

Assim, ao falarmos, trazemos para o momento presente uma série de formulações anteriores, discurso "que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentido construídos em outros dizeres, em muitas outras vozes no jogo da língua" (ORLANDI, 1999, p.32). Os discursos são, portanto, híbridos.

Na marcha do presente, memórias de tropas passadas

Começa a marcha

Ao som do cincerro em BG, é narrado o seguinte off que também pode ser lido em fundo sépia**: "**Entre os anos de 1731 a 1959, milhares de brasileiros conduziam milhões de muares por caminhos que saiam do sul e chegavam até a região de Sorocaba, São Paulo. No rastro dessas tropas muitas riqueza foi gerada, cidades foram fundadas, famílias gaúchas se ligaram a famílias paulistas. A série de reportagens do Globo Rural sobre Os Tropeiros pretende reviver uma das mais belas sagas da formação do nosso país".

Assim, logo em seu início, o programa deixa claro seu principal intuito com as reportagens: trazer aos espectadores memórias sobre histórias de homens que teriam ajudado a desenvolver nosso país, economicamente e culturalmente. Para isso, as reportagens afirmam e reafirmam que o dinheiro arrecadado com o comércio de muares financiou a produção agrícola e fomentou o comércio interno do país. Atividade importante que, para as cidades grandes, as capitais, era considerada insignificante porque não gerava *commodities,* nem estava ligada a exportação.

Na primeira reportagem, o jornalista José Hamilton Ribeiro cruza a fronteira brasileira para evocar os rastros e, dessa forma, reconfigurar o passado que originou as primeiras tropas de muares no Brasil. Para tanto, José Hamilton, vai a cidade de Córdoba, na Argentina, e, a partir da história dos jesuítas na América Latina, traça as primeiras linhas do tropeirismo no Brasil. Ao localizar o telespectador no tempo e no espaço, esse é transportado para os séculos XVI, XVII e XVIII, num movimento de recuperação mnemônica da colonização espanhola, das primeiras missões jesuíticas e da criação de mulas. Mais do que isso, a reportagem exulta os muares ao rememorar narrativamente que esses animais tiveram papel fundamental na manutenção do trabalho jesuítico na localidade que deu origem à Córdoba, que se tornou um grande centro econômico devido a comercialização de mulas.

E foi lá, na atual Córdoba, que teve início o tropeirismo brasileiro. Porém, antes de dar início a essa história, as recordações são redirecionandas, agora para a cidade de Potosí, localizada no atual território boliviano, onde após o transporte de minério entrar em colapso, a mula, por ser uma animal resistente, foi a salvação encontrada. Nova exaltação dos muares.

A reportagem, assim, nos faz atravessar camadas temporais. Para isso, utiliza-se de imagens de estâncias, igrejas e construções jesuíticas, além de fazer uso de desenhos cartográficos antigos para localizar geográfica e historicamente os telespectadores. Utiliza como fonte para a relação histórica entre os jesuítas e as mulas, a voz do historiador Eduardo Venturini, conferindo, dessa forma, credibilidade às informações jornalísticas. “Nós vamos rumo ao norte, subir a serra e enxergar o passado lá de cima”, enuncia Ribeiro. O momento presente e os tempos idos do século XVI se mesclam a partir da voz do criador Ruperto Garcia, que relata sobre como a mula era utilizada antigamente e para que o ela é utilizada nos tempos de agora (2006). Outro criador, Anselmo Sanches, compara o comportamento de um muar com o de outros animais de carga.

A explicação para a definição de Córdoba e da Argentina como ponto de partida da história do tropeirismo no Brasil está, acreditamos, no fato de que o tempo, claro, transcorreu e transformou a cidade, mas essa, mais que os municípios brasileiros, ainda preserva muitas memórias religiosas, históricas, culturais e econômicas, que remontam aos tempos passados, caracterizando-se, então, como uma força que atua motivando lembranças, garantindo, assim, o futuro da memória. O mesmo recordar posterior que motiva o programa a reviver os trajetos dos muladeiros. Rememoração, por sua vez, carregada de novas interpretações que buscam desacelerar o tempo, por meio das

entrevistas em tom conversado, pelas fontes de conteúdo histórico e pelos rastros, ruínas, monumentos, que transferem na característica envelhecida, a eternização dos tempos idos. Esse efeito faz com que as histórias tenham continuidade, expandam discussões e fomentem curiosidades para desenterrar o que já passou e gerar promessas futuras.

Mas se o berço dos muares na América do Sul está na Argentina, o que desencadeou a entrada das mulas no Brasil foi o início do ciclo de ouro no século XVIII. Minério que além de garimpado por aqui, também chegava de outros lugares, como de Potosí, na Bolívia. E para o transporte desse ouro boliviano é que as mulas se fizeram necessárias. Animais que, então, começaram a ser contrabandeados da Argentina para o Brasil. Assim, a segunda reportagem mostra como a colônia de Sacramento, no Uruguai, se tornou um ponto estratégico nesse processo. As mulas saiam da margem direita do Rio Uruguai em direção à margem esquerda, atual estado do Rio Grande do Sul. Por isso, o jornalista, na construção de sua narrativa de cunho memorialista, percorre o noroeste do Rio Grande do Sul rememorando a atuação dos jesuítas na catequização dos índios guaranis. Por fim, a reportagem mostra como se dava a entrada das mulas contrabandeadas também por São Borja, no Rio Grande do Sul, cidade que faz fronteira com a Argentina, passando por Vacaria seguindo até São Paulo.

Memórias permeadas por lembranças, como as de Neneco. Filho de tropeiro, ele conta como era o comércio de mulas naquela época. Estórias que vão surgindo lentamente e sendo narradas calmamente, no ritmo das antigas tropeadas. Afinal, o trajeto era percorrido na velocidade do passo das mulas, por isso, a preocupação com em controlar o tempo se fazia desnecessária ao contrário dos dias de hoje em que os homens acompanham o corre-corre das cidades.

As imagens exibidas pelas reportagens mostram que a picada (espécie de estrada de chão batido estreita) por onde as tropas passavam, no estado do Rio Grande do Sul, deu lugar a grandes lavouras, restando, assim, poucos os resquícios dessa época. São poucos os rastros e os restos tanto da cultura jesuítica, quanto do início do tropeirismo em nosso país. As antigas invernadas se transformaram em lavouras e o legado histórico, sentencia José Hamilton, se apresenta, sobretudo, nos traços que revelam a diversidade étnica. O gaúcho das missões é uma mistura de sangue espanhol, índio e portugueses, mescla que se deu em lombo de mula. A memória é sempre transitória, não podemos confiar nela, já que é passível de esquecimento, por conter características humanas e sociais.

O início, propriamente, da tropeada no Globo Rural é marcado por um ato de civismo. Afinal, seriam seguidos os passos dos “heróis que o Brasil não conhece”. A partida

é em Cruz Alta, cidade considerada o berço do tropeirismo nacional, mas que, evidencia a reportagem, não preservou a história desse tempo. Na matéria, o jornalista Nelson Araújo conversa com os moradores da cidade. Embora muitos digam que seus pais ou avós foram tropeiros, a resposta para a pergunta se já tinham visto uma mula foi negativa. E parte, finalmente, a tropa... Dali seguem pelos caminhos percorridos pelos antigos tropeiros. Nesse momento, então, é possível estabelecer um contraponto entre os tempos passado e atual, numa contemporaneidade em que carros e asfalto substituem o chão batido, as pastagens e as mulas. A primeira parada para descanso da tropa é numa antiga fazenda, local onde são compartilhadas memórias reavivadas pelos causos e trovas. A memória do tropeirismo nacional é contada coletivamente já que a cada reportagem são evocadas novas vozes que trazem em seu escopo memórias vividas e transmitidas pelos antepassados, cada fonte reaviva memórias ao mesmo tempo particulares e sociais, comuns.

> Nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos que somente nos estivemos envolvidos, isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam conosco, pois levamos em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HUYSSEN, 2000, p.32)

Nossas lembranças são construídas a partir/pelas de outros, vozes sem nome que ecoam em nosso dizer. Assim, nas reportagens, a intertextualidade é bastante presente, como quando é abordado o Combate de Porongos. Para reconstruir essa parte da história, não só das tropeadas como do Brasil, são apresentadas cenas da minissérie A Casa das Sete Mulheres, que trata sobre a Guerra dos Farrapos, e de lendas populares referentes a tesouros enterrados.

De volta ao lombo da mula, os repórteres agora lembram que a araucária, pinheiro nativo da região sul do Brasil e árvore símbolo do estado do Paraná, era referência para os tropeiros. Elas eram referência na marcação do caminho. Hoje, em extinção, quase não é vista pelo caminho. Assim, a equipe do programa propõe plantar uma mudinha em cada cidade por onde a tropa passar, deixando um rastro verde pelo caminho, memória para as gerações futuras de quando um programa jornalístico de televisão contou a história das tropeadas, revivendo a tradição que marcou regiões de quatro estados brasileiros – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Se as araucárias já não estão mais pelo caminho, não são os únicos rastros do tropeirismo apagados pelo progresso. Assim, o inimaginável para os tropeiros autênticos acontece: os tropeiros do Globo Rural passarm por alguns trechos de asfalto, “estrada moderna riscada sobre o antigo caminho das mulas”.

"A velocidade", afirma Huyssen, "destrói o espaço e apaga a distancia temporal". Da mesmo maneira, para as novas tecnologias, as distâncias físicas não existem e o tempo é transitório. Um exemplo disso é a apresentação, ainda com a tropa no Rio Grande do Sul, da cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, que cresceu e se desenvolveu graças às mulas. Afinal, sediou a maior feira de muares do século XVIII. Na reportagem, a edição sobrepõe imagens atuais e de quando as mulas ditavam o ritmo da cidade, cenas dos lugares de comercialização dos animais que hoje nada guardam desse tempo anterior. Essa ligação numa mesma reportagem da tropa em terras gaúchas com outra equipe do programa no interior paulista, busca evidenciar laços promovidos pelo tropeirismo entre brasileiros do sul e do sudeste.

Na construção dessa narrativa de cunho histórico, a equipe do Globo Rural insere um personagem fictício, Firmino, um "verdadeiro" tropeiro. "(…) como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos, permanecemos em contato com este grupo e ainda somos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado com o do dele" (HALBACHS, 1990, p.33). E é essa a ideia da criação do personagem, levar o telespectador ao tempo em que os tropeiros viveram. Afinal, os entrevistados, em sua grande maioria, rememoram fatos e casos que ouviram de segundos ou terceiros. Firmino seria uma tentativa de trazer de volta esse tropeiro original, que viveu as dificuldades e alegrias das tropeadas. Assim, o personagem traja roupas típicas e usa linguagem peculiar. Em sua primeira aparição, relembra as arribadas, isto é, quando as mulas escapavam e o arribador tinha que dar um jeito de buscar.

II - A Travessia

Muitos personagens e recortes historiográficos fazem parte destas reportagens. Mas um de seus pontos altos está nas lembranças dos perigos "mais tenebrosos vivenciados pelos tropeiros de séculos atrás": a travessia do rio Pelotas e passagem pela encruzilhada dos berivas, trecho onde ocorreram lutas entre maragatos e chimangos. Beriva que, além da encruzilhada, também pode significar pessoa estranha, que não faz parte daquela região, ou seja, os paulistas, principalmente os sorocabanos que desciam até o sul do Brasil para buscar mulas.

Os integrantes da tropa do Globo Rural podem não ser os mesmos do início ao fim. Personagens e fontes são acrescidos ao longo do caminho, assim como outros ficam pelo trajeto. Porém, a cavalgada em grupo faz parte de toda a série de reportagens, numa

tentativa, acreditamos, de manter no telespectador a sensação de que realmente estão sendo percorridos os trajetos que tropeiros os faziam. Caminho onde são compartilhadas cantigas, trovas, contos e , também, a comida típica dos homens que viveram nos lombos de mula. João Ribeiro de Melo era um tropeiro de Sorocaba que deixou quatro gerações no Rio Grande do Sul, a família ainda mantêm na mesma casa colonial, os restos daquele tempo, quadros, fotos, objetos peculiares do cotidiano, que trazem por si só memórias reforçadas pelo tempo.

> É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns e estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice e versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBACHS, 1990, p.39)

Reconstruções que são comuns nas demais reportagens em histórias de descendentes de tropeiros, pessoas que monumentalizam a memória tropeira presentes em toda a narrativa jornalística do programa. Culturas passadas revivenciadas, assim, ainda por uma mesma sociedade, apesar de ser em outra época temporal.

Muitas das casas de pouso onde os tropeiros paravam, hoje, vivem do turismo rural. Para atrair os turistas se vendem a ideia de que são espaços de eternização do tempo tropeiro, através da culinária e resquícios de objetos da época, além das paisagens naturais e das cavalgadas. Vestígios de um passado que nos transportam para outra época, memórias do tropeirismo que, atualmente, estão ligadas a uma cultura folclórica com valorização do meio ambiente e da sustentabilidade.

O planalto catarinense, ou Coxilha Rica, com suas terras férteis continua sendo um bom lugar para a invernada dos muares. Cansados e enfraquecidos por subir as serras gaúchas, era ali que descansavam e eram engordados os animais que seriam vendidos na feira de Sorocaba.

III – A Jornada Final

Já na Lapa, no estado do Paraná, a tropeada do programa é obrigada a passar por plantações de soja e milho, reflexos contemporâneos das mudanças ocorridas ao longo dos anos. Nesse sentido, torna-se mais relevante a observação de novas atividades econômicas que favorecem o desenvolvimento no meio rural, e esse é o caso do turismo rural bastante presente naquele lugar. Afinal, a Lapa é, hoje, uma cidade histórica, guardando traços de sua fundação promovida pela passagem dos tropeiros. O arquitetura colonial reflete os

tempos idos, o centro histórico da cidade preservado é uma espécie de musealização das histórias que deram origem a cidade. Mesma musealização, só que num programa de televisão, promovido pela tropeada do Globo Rural e que é

> (...) central para o deslocamento da sensibilidade temporal do nosso tempo. Ele (Lubbe) mostrou como a musealização já não era mais ligada à instituição do museu no sentido estrito, mas tinha se infiltrado em todas as áreas da vida cotidiana. O diagnóstico de Lubbe assinalou o historicismo expansivo da nossa cultura contemporânea e afirmou que nunca antes do presente tinha ficado tão obcecado com o passado do que agora. (HUYSSEN, 1990, p.27)

Encontramos essas características de musealização em todas as fazendas utilizadas como pousos por tropeiros, além das ruínas jesuíticas e dos demais centros históricos aos quais as reportagens fizeram questão de enfatizar, maneiras de nos deslocar temporalmente, efeito de sair do tempo estrito, trazendo a tona um momento histórico que já não faz parte do cotidiano e que é ativado segundo a ação da memória.

A partir da série de reportagens, o público pode reviver a cultura tropeira construída séculos atrás e sentir o fluxo dos tempos idos, trazendo de uma maneira nostálgica as lições aprendidas em sala de aula, histórias das famílias desse corredor Rio Grande do Sul – São Paulo. O que percebemos, assim, é que o jornalismo atual não se constrói apenas amparado pelo e no presente, ele toma o passado como referência fundamental da experiência testemunhal com a sociedade. É na construção do fato da atualidade, sempre dinâmico e corrido, e também nos rituais de rememorações recorrentes, que o jornalismo dá uma dimensão memorável das experiências humanas.

Assim, a tropa vai subindo em direção à Sorocaba e, ao mesmo tempo compartilhando memórias. Como àquelas que dizem respeito a religiosidade, evidenciada pelas orações conjuntas quando da passagem pela capela de Nossa Senhora da Conceição do Tamanduá, construída pelos jesuítas numa das rotas que os tropeiros usavam para chegar a São Paulo. Como a reafirmação da importância do parque geológico de Vila Velha, em Ponta Grossa, lugar onde os tropeiros se abrigavam do vento e da chuva. Como a explicação de que Castro surgiu por conta do rio Iapó e cresceu e se desenvolveu pelo tropeirismo, que é preservado nos acervos de dois museus, um deles com mais de 200 anos e que pertenceu a um tropeiro. Roupas, utensílios, armas, objetos de pouso, cincerros, monumentos da arte sacra. Tudo conservado com muito cuidado, peculiaridades que

evidenciam a preocupação da população de Castro na manutenção da memória do tropeirismo.

Segundo Andreas Huyssen, não percebemos que "a crença conservadora de que a musealização cultural pode proporcionar uma compensação pelas destruições da modernização no mundo, é demasiadamente simples e ideológica." Assim, ao ouvirmos histórias de pessoas preocupadas em resguardar as memórias das sinharas e dos tropeiros, nos sentimos confortáveis porque alguém está eternizando as histórias do passado, conforto sentimental e idealizado já que o tempo não pode parar, ele continua caminhando.

Ainda em Castro a equipe visita um museu que reconstitui uma casa de tropeiro, conduzindo o olhar do telespectador para o mundo feminino, nesse universo exclusivamente masculino. São móveis, objetos de cozinha, roupas, quadros com fotos de sinhás que marcaram a história da cidade. As repórteres Camila Marconato e Ana Dalla Pria contam causos das filhas de algumas sinharas famosas de Castro, memórias vivas daquela época que evocam discursos do passado.

> Os monumentos tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntaria ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (LE GOFF, 1992, p.526)

A história do tropeirismo se faz no boca a boca, tempo de outrora contado oralmente e transmitido por grupos sociais que resgatam, principalmente, objetos e documentos do passado para expô-los em um lugar público para que muitas pessoas tenham acesso as memórias que ecoam por trás deles. E, de memória em memória, a tropeada chega em Itapeva, cidade que foi, também, gerada pelo tropeirismo. Uma outra tropa vem ao encontro deles, personagens que trazem um pouco da sua própria história atravessada pelas memórias tropeiras, famílias constituídas no lombo de mulas, histórias de amor e casamentos que deram origem a população dos estados por onde a tropa passou. Ao som da viola a tropa segue e passa por Itapeva, Itapetininga (segunda maior feira de muares do estador de São Paulo), Sarapuí e, finalmente, chega à Sorocaba. Lugar onde a tropa vai engrossando, centenas de pessoas de todas as partes do Brasil chegam pelo menos no final da trajetória para sentir de perto um pouco do tropeirismo de antigamente. Como fala José Hamilton Ribeiro, "a comitiva forma um portão de 500 cavaleiros. O caminho fica estreito e o povo se acotovela na calçada pra ver de perto a burrama.".

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Marialva. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória.* Niterói: EDUFF, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora / Universidade Cândido Mendes / Museu de Arte Moderna – RJ, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso – princípios e procedimentos.* Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

RIBEIRO, Ana Paula; FERREIRA, Lúcia (orgs). *Mídia e Memória.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.